

A gramaticalização de *geral* no português brasileiro: de adjetivo a pronome indefinido/quantificador

Grammaticalization of *geral* in Brazilian Portuguese: from adjective to indefinite pronoun/quantifier

Luis Filipe Lima e Silva¹
Sueli Maria Coelho²

Resumo: A gramaticalização é um processo que desenvolve formas gramaticais a partir de formas lexicais e formas ainda mais gramaticais a partir de formas já gramaticais (KURYŁOWICZ, 1975[1965]; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA, 2005, entre outros). Este trabalho descreve o processo de gramaticalização pelo qual está passando o adjetivo *geral* na língua portuguesa. A partir da análise de dados extraídos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006) e da rede social Twitter, propõe-se que esse adjetivo é empregado com valor adverbial em alguns contextos nos quais determina o verbo e como um quantificador universal em contextos nos quais satura o predicador verbal, seja na posição de sujeito seja na de objeto. As evidências que atestam o processo de gramaticalização deste adjetivo incluem (i) a extensão, pois ele passa a ocorrer em ambientes onde anteriormente não ocorria; (ii) a dessemantização, já que ele passa a veicular um sentido gramatical, sobretudo em seu uso como quantificador, equivalendo ao sentido do pronome indefinido *todos*; e (iii) a descategorização, uma vez que, em contextos onde é usado em sua forma gramaticalizada, perde a propriedade de se flexionar em número. O *cline* de gramaticalização proposto segue a direção de adjetivo > substantivo > advérbio > pronome indefinido/quantificador.

Palavras-chave: Adjetivo. Quantificador. Gramaticalização.

Abstract: Grammaticalization is a process whereby grammatical forms are developed from lexical forms and forms even more grammatical are developed from forms already grammatical (KURYŁOWICZ, 1975[1965]; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA, 2005, among others). This paper describes the grammaticalization process that the adjective *geral* in Portuguese is going through. Based on the analysis of data extracted from Corpus do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006) and from the social network Twitter, it is proposed that this adjective is used with an adverbial value in some contexts which it determines the verb and as an universal quantifier in contexts which it saturates the verbal predicate, whether in subject or object position. The evidences that attest to the grammaticalization process of this adjective include (i) extension, since it starts to occur in environments where it did not previously occur, (ii) desemantization, since it starts to convey a grammatical sense mainly in its use as a quantifier, equivalent to the meaning of the indefinite pronoun *todos*, and (iii) decategorialization, since, in contexts where it is used in its grammatical form, it loses the property of number inflection. The proposed cline follows the direction of adjective > noun > adverb > indefinite pronoun/quantifier.

Keywords: Adjective. Quantifier. Grammaticalization.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: luisf.1397@gmail.com.

² Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, MG, Brasil. Endereço eletrônico: sucoelho@ufmg.br.

Considerações iniciais

A palavra *geral* é prototipicamente um adjetivo, embora possa, pelo recurso da derivação imprópria, funcionar como substantivo em certos contextos. Como adjetivo, modifica o nome que a precede ou que a sucede e flexiona-se em número, para concordar com o nome determinado, conforme mostram os exemplos abaixo, extraídos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006) (<https://www.corpusdoportugues.org/>).

(1) a. “Esses são cursos com afinidades para o ensino acadêmico. Dão-se bem dentro das escolas regulares. Afinal, aprender a usar um computador é *cultura geral* ou profissional?”

b. “Foi, portanto, ao contrário do que se esperaria, com um suspiro de *geral aprovação*, que os lares sobreviventes na Levada se viram desleixados, como órfãos que gozam a leveza da orfandade.”

c. “Sim, dependendo de qual foi o agente causador da alergia, se o processo que se instalou não for debelado e o agente causador não for afastado, poderá haver generalização do processo com surgimento de *sintomas gerais*, como febre, dor de cabeça e articulações, calafrios ou falta de ar.”

d. “Aparece na plataforma do bonde o Anjo, que sobe ao som de *gerais aclamações*, levando a reboque a tartaruga em que vai montado o Correio.”

Como substantivo, *geral* ocupa a posição de núcleo do sintagma nominal, precedido de artigo masculino definido, com o significado de “a maior parte”, como mostra este exemplo também extraído do *Corpus do Português*:

(2) “Contra o Castelo Melhor, não se descuidavam de irritar o ódio e a desconfiança, que uma parte do povo manifestava contra o poderoso ministro; contudo *o geral da nação* estava ainda, por aquele tempo, quase indiferente às contendas e inimizades da corte”.

Essa forma pode ainda ocorrer como substantivo precedido de artigo feminino em expressões metafóricas cristalizadas como ‘dar *uma geral* na casa’, ‘o policial deu *uma geral*

nos suspeitos’, ‘o preço *da geral* é mais barato’³. Contudo, o fenômeno que nos interessa particularmente neste trabalho não é a conhecida derivação imprópria, nos termos tradicionais, mas a gramaticalização desse vocábulo como integrante do paradigma da categoria funcional de pronome. A gramaticalização é um fenômeno linguístico que, grosso modo, promove a migração de palavras/construções de categorias lexicais para categorias funcionais. O que parece estar ocorrendo com *geral* é o início de um processo de gramaticalização por meio do qual a forma/construção passa a transitar por categorias lexicais – quer menos gramaticais, como a dos adjetivos e a dos nomes, quer mais gramaticais, como a dos advérbios – e por categorias funcionais ou gramaticais, como a dos pronomes indefinidos, em que se comporta como um quantificador universal⁴. Esse uso gramaticalizado como pronome já pode ser documentado até mesmo na Música Popular Brasileira, como ilustra a estrofe de um samba de Arlindo Cruz, bem como a estrofe de um funk de Naldo Benny:

(3.a) É o meu jeito de ser

Falar com *geral* e ir a qualquer lugar

E é tão normal de me ver

Tomando cerveja calçando chinelo no bar

(Arlindo Cruz, “Meu nome é favela”, 2011)

(3.b) Um rapá bem legal

Só controla, na moral

Quando ela desce, ela sobe

Geral passa mal

(Naldo Benny, “Quer mexer (Ela quer dançar)”, 2012)

Note-se que, no contexto dessas canções, *geral* não é usado como adjetivo ou como substantivo. Essas ocorrências ilustram um uso da forma que se classifica como um pronome indefinido cuja função é quantificar um conjunto de elementos, conotando, assim, uma

³ *Geral*, no último exemplo, diz respeito a uma área de alguns estádios de futebol brasileiros onde os torcedores assistem aos jogos em pé e cujo preço do ingresso é mais barato. Houve, contudo, uma modernização dos estádios para a Copa do Mundo de 2014 sediada no Brasil que excluiu as *gerais*, o que acabou provocando uma elevação do preço dos ingressos. Essa situação é retratada no documentário *Adeus, Geral* (2016), dirigido por Gustavo Altman, Martina Alzugaray, Matheus Bosco e Pedro Arakaki.

⁴ Na lógica de predicados, um quantificador universal x diz que a seguinte fórmula é verdadeira para todo valor de x . Por exemplo, designando A como americano, a fórmula $(x)Ax =$ Para todo x , x é americano = Todos são americanos.

categoria de número plural, com o mesmo sentido do pronome indefinido *todos*. Como será discutido adiante, embora não se possa atestar com absoluta segurança, acreditamos que a origem desse uso esteja circunscrita à cidade do Rio de Janeiro, dado que os dois cantores, assim como os gêneros musicais a que eles pertencem, são de origem carioca. O objetivo deste trabalho é, portanto, descrever os usos dessa palavra na língua portuguesa contemporânea, tentando flagrar possíveis estágios de sua gramaticalização de categoria lexical para a categoria funcional de pronome. Nossa hipótese é a de que, por ser um estágio ainda embrionário do processo, *geral* é contemporaneamente uma forma bastante fluida tanto no paradigma lexical – já que pode ser adjetivo e substantivo – quanto no gramatical. Iniciamos a tarefa a que nos propusemos, discutindo a noção de gramaticalização que adotamos. Na sequência, avaliamos a adequação da hipótese aventada, a partir de uma análise qualitativa e quantitativa de dados coletados tanto no *Corpus do Português*, quanto na rede social Twitter (<https://twitter.com/>) e encerramos este texto, sistematizando nossas generalizações.

A noção de gramaticalização

O termo *gramaticalização* foi cunhado por Meillet (1912). Embora não o tivesse definido, o autor o utilizava para se referir ao processo de “atribuição de caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma” (MEILLET, 1912, p. 131)⁵. Essa ideia, contudo, é bem mais antiga, remontando pelo menos ao filósofo Condillac, que explicava a categoria de tempo por meio da coalescência de um advérbio temporal à raiz do verbo, por exemplo (cf. CONDILLAC, 2001[1746]). Posteriormente, vários autores se dedicaram ao estudo da evolução das formas gramaticais a partir de formas lexicais (cf. LEHMANN, 1982, para a história da pesquisa em gramaticalização) e, desde então, diferentes definições foram propostas para o fenômeno de mudança linguística tratado sob o rótulo de gramaticalização (cf. NARROG; HEINE, 2011). Apesar de haver controvérsias, grande parte dos autores compartilham, de certa maneira, a definição clássica de Kuryłowicz⁶, que também será adotada neste estudo:

A gramaticalização consiste no aumento do alcance de um morfema que avança de um status lexical para um gramatical ou de um status menos

⁵ Tradução nossa do original: “attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome”.

⁶ O conceito tradicional de gramaticalização proposto por (KURYŁOWICZ, 1975[1965]) foi refinado ao longo dos anos e, desde Heine (1993), assume-se que não é a forma/item lexical em particular que se gramaticaliza, mas que toda a construção em que a forma/item lexical ocorre se torna gramatical. Assim, o mais adequado contemporaneamente é tratar da gramaticalização não da forma lexical, mas da forma/construção.

gramatical para um mais gramatical, por exemplo, de uma forma derivada para uma flexional (KURYŁOWICZ, 1975[1965], p. 52)⁷.

O que está na base da definição acima é o fato de haver uma dicotomia de funções entre formas lexicais e formas gramaticais nas línguas. As primeiras são usadas para descrever, para nomear ou para se referir à realidade extralinguística: verbos, nomes, adjetivos e certos advérbios são alguns exemplos de classes que comportam formas lexicais (também conhecidas por palavras de conteúdo). As formas gramaticais, por seu turno, são usadas, entre outras funções, para codificar categorias de tempo, de aspecto e de modo, para conectar nominais ou orações, para identificar se um referente já foi ou não mencionado no discurso. Adposições, conjunções, pronomes etc. são, portanto, alguns exemplos de classes que comportam formas gramaticais (também conhecidas por palavras funcionais), assim denominadas por se referirem não a elementos do mundo físico, mas a entidades linguísticas. Considerando-se que a língua é dinâmica e que as formas podem mudar de categoria, a gramaticalização pode ser entendida, portanto, como um processo que promove a mudança de categorias, ou seja, que permite que formas/construções lexicais passem a integrar o conjunto das formas/construções gramaticais, ampliando, assim, o repertório funcional da língua. Além disso, como assinalado por Kuryłowicz (1975 [1965]), uma forma/construção já gramatical pode, no curso da história da língua, tornar-se ainda mais gramatical, o que nos leva a assumir que há uma escala de gramaticalização entre as formas da língua, atestando a existência de um *continuum* entre elas. Essa gradação se desenvolve no sentido de um *cline* de evolução, conforme proposta de Hopper e Traugott (2003):

item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional⁸

Tomando como referência qualquer ponto na escala, cada elemento à direita é entendido como mais gramatical. É preciso, contudo, dizer que o processo não prevê necessariamente que a forma/construção deva cumprir o ciclo até o final. Pródigos são os exemplos de gramaticalização no português que não completaram esse ciclo (cf. MARTELOTTA et al. 1996; BATORÉO, 2010; VITRAL; COELHO, 2010; SILVA, 2017, entre outros). Lopes (2003), por exemplo, investiga o desenvolvimento da forma/construção lexical *a gente* – então usada no

⁷ Tradução nossa do original: “Grammaticalisation consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e.g. from a derivative formant to an inflectional one”.

⁸ Tradução nossa do original: “content item > grammatical word > clitic > inflectional affix”.

século XVI para fazer referência a um determinado grupo de pessoas – no quadro pronominal do português, sendo usada contemporaneamente como pronome de primeira pessoa do plural. Portanto, uma forma de conteúdo nocional passa, em determinada construção, a uma forma gramatical, considerando o *cline* mostrado acima. Nessa mesma linha, temos o verbo *ir* empregado como marcador de futuro numa construção perifrástica como, por exemplo, *vou fazer*. Na sua forma gramaticalizada, esse verbo funciona como um auxiliar na marcação de tempo (cf. LIMA, 2001), não tendo ainda se tornado um afixo flexional. Adicionalmente, uma forma/construção gramatical pode se tornar mais gramatical na medida em que expande seu uso funcional, como é o caso, por exemplo, de verbos relacionais que se gramaticalizam em verbos auxiliares, ilustrando também os dois primeiros estágios do *cline*. Como exemplo de uma forma/construção que chegou até o final do ciclo de gramaticalização, pode-se mencionar a marca de futuro desinencial das línguas românicas. Essa marca de futuro veio de formas modais analíticas do latim até se gramaticalizar como afixo flexional que indica tempo e modo, que pode ser ilustrado no seguinte *cline*: *cantare habeo* > *cantar hei* > *cantarei* (cf. SPIZTER, 1918; CÂMARA JR., 1957).

O processo de gramaticalização do item/construção *geral*

O processo de gramaticalização do item/construção *geral* parece ser relativamente recente na língua e provavelmente está circunscrito aos anos finais do século XX e/ou aos anos iniciais do século XXI, tendo em vista que, numa busca realizada na base de dados históricos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), uma amostragem linguística constituída de 45 milhões de palavras produzidas entre os anos de 1200 a 1900⁹, não foi encontrada nenhuma ocorrência desse vocábulo no seu uso gramaticalizado. Entretanto, quando esta busca compreende a parte mais recente do referido *corpus*, composta por 1,1 milhões de palavras coletadas em artigos de jornais e revistas na Web, no período de 2012 a 2019, é possível flagrar tais ocorrências, conforme ilustrado a seguir:

(4) “O ano continua difícil para o Mato Grosso do Sul com chuvas muito variadas, não entra um frente (*sic*) e chove *geral* desde dezembro.”

⁹ Cumpre um esclarecimento adicional de cunho metodológico em relação ao intervalo de tempo analisado: o hiato temporal identificado (1901-2012) deve-se à limitação do banco de dados cujo *corpus* histórico congrega apenas textos produzidos até o início do século XX, iniciando a parte contemporânea no ano de 2012. Avaliamos, contudo, que tal hiato não compromete a atestação de que os usos gramaticalizados de *geral* inexistiam até os anos iniciais do séc. XX.

(5) “*No Man’s Sky* prometia muito desde que foi revelado, mas acabou decepcionando *geral* em seu lançamento. O jogo tinha diversos problemas técnicos e de desempenho, além de não ter entregado aquela experiência “mágica” tão prometida.”

(6) “Às vezes tem um pensamento comum entre a galera mais jovem e ativista de que as empresas só pensam em lucro e ‘destroem *geral*’ e isso é sempre generalizado, o que acaba formando um bloqueio de diálogo”.

(7) “Sabe aquele sujeito crítico que *geral* diz que odeia, mas que no fundo, lá no fundo, todos amam? Esse é o Edgard.”

(8) “A deputada Jó Pereira levantou a discussão, fazendo críticas ao *liberou geral* previsto no decreto.”

(9) “O gesto da arminha com a mão pegou *geral*, chefe. E esse garoto-propaganda que eu escolhi!”, comemora, se referindo a Bolsonaro.”

A análise do conjunto de dados apresentados acima comprova a hipótese de que a palavra *geral* está passando por um processo de gramaticalização na língua e, adicionalmente, que parece haver uma fluidez de usos da forma, conforme passamos a descrever. Em (04), o item/construção é empregado com valor adverbial, determinando o verbo *chover* e acrescentando uma circunstância de lugar, equivalendo, semanticamente, a *em todo o estado*. Trata-se, pois, de um uso mais gramatical da forma, se comparado ao uso prototípico como adjetivo, por exemplo, que carrega marcas de flexão. O exemplo (05) é curioso para estudiosos do fenômeno da gramaticalização, porque apresenta uma leitura ambígua, o que pode nos fornecer alguma pista de seu contexto de reanálise: *geral*, em (05), pode ser interpretado tanto como um advérbio determinante da forma nominal de gerúndio, equivalendo a *completamente*, quanto como um sintagma nominal que satisfaz as exigências do predicador verbal, funcionando como seu complemento e equivalendo semanticamente a *todas as pessoas (ou todo mundo)*. Em (06), *geral* também é argumento do verbo *destruir*, classificando-se, morfológicamente, como um pronome indefinido equivalendo a *tudo* e funcionando, portanto, como um quantificador universal. No exemplo (07), a forma/construção também satisfaz as exigências argumentais do predicador *dizer*, funcionando como seu sujeito e equivalendo a *todos (todo o mundo)*; trata-se, portanto, de um pronome indefinido (expressão indefinida)

plural desempenhando, mais uma vez, a função de um quantificador universal. O exemplo (08) é especialmente interessante porque a forma/construção de cuja descrição nos ocupamos já se incorporou de tal modo àquela que determina que o composto foi substantivado: o *liberou geral* já parece ser uma expressão nominal cristalizada na língua, capaz de satisfazer as exigências argumentais do predicador nominal *críticas*. Trata-se, portanto, de um uso outrora adverbial que já participa de um novo processo de renovação lexical, confirmando a dinamicidade da língua. Por fim, em (09), identificamos, mais uma vez, um emprego adverbial da forma, que determina o verbo *pegar*, atribuindo-lhe uma circunstância, aos moldes do advérbio *completamente*¹⁰.

Interessante observar que a essência semântica do item *geral* em todos os contextos analisados se liga à ideia de totalidade, condensando, assim, num único vocábulo, o sentido de um sintagma mais complexo, o que pode, pragmaticamente, motivar sua escolha por parte do falante. Aliado a isso, não podemos desconsiderar também que o processo de gramaticalização envolve questões cognitivas de duas naturezas: (i) metafórica, ligada à abstração da forma, e (ii) metonímica, ligada ao contexto de reanálise. O fato de *geral* ser dotado da propriedade de traduzir de modo mais condensado o conteúdo semântico de um bloco sintagmático envolve uma operação cognitiva de natureza metonímica que favorece, sem dúvida, o processo de reanálise e de gramaticalização da forma.

Embora não nos seja possível afiançar, considerando-se o tipo de registro adotado nos gêneros textuais em que as ocorrências puderam ser capturadas na interface contemporânea do *Corpus do Português*, acreditamos que o processo de gramaticalização do item/construção *geral* tenha se originado em situações de fala menos formal, envolvendo a interação de falantes mais jovens. Ademais, conforme já antecipado nas considerações iniciais, especulamos se o fenômeno não teria se iniciado na cidade do Rio de Janeiro e se difundido pelo país devido à forte presença desse padrão linguístico nos lares brasileiros por meio da mídia televisiva. A especulação acerca da origem regional do fenômeno se fortalece em alguma medida diante do fato de que, tendo sido realizada uma busca no banco de dados C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), um *corpus* de referência do português brasileiro falado informal representando majoritariamente a diatopia mineira, composto por gravações feitas entre 2006-2011, não

¹⁰ Esse é outro dado que pode eventualmente fomentar uma leitura ambígua, sendo *geral* interpretado alternativamente como argumento direto do verbo *pegar*. Entretanto, essa nos parece uma leitura menos prototípica, sobretudo se considerarmos que, nessa construção, o verbo *pegar* já está esvaziado semanticamente, denotando o sentido de “firmar-se ou ter continuidade”, semelhante à seguinte abonação extraída do dicionário *Michaelis on line*: “Este novo bar pegou e já é o preferido da galera”. Esse processo de abstração semântica certamente interfere na seleção argumental da forma e, desse modo, a leitura que nos parece mais prototípica é mesmo a de conotação adverbial: o gesto da arminha com a mão se firmou e está se espalhando entre todos.

podemos encontrar nenhuma ocorrência do item/construção *geral* em seu uso gramaticalizado. Assim, visando não só a testar nossas intuições, como também a obter mais dados que nos permitissem descrever minimamente o fenômeno, recorreremos a outras fontes de dados, entre as quais a rede social Twitter, o que resultou em muitas ocorrências, tanto da forma gramaticalizada quanto da forma canônica. Entretanto, como o Twitter não é um *corpus* e, portanto, não apresenta balanceamento ou representatividade¹¹, a análise dos dados nele obtidos se limitará a aspectos qualitativos para o estudo do processo de gramaticalização.

Nos exemplos abaixo, *geral* aparece não em sua forma canônica de adjetivo, isto é, como uma categoria lexical, mas de pronome indefinido de conotação plural, ou seja, uma categoria funcional. O sentido do vocábulo *geral* em sua forma/construção gramaticalizada é, como nos dados da mídia eletrônica já analisados, o do pronome indefinido *todos*, correspondendo, portanto, a um quantificador universal. Vejamos os exemplos capturados no Twitter:

(10.a) “Acho que *geral* madrugou nesse sábado kkkkkkkk”

@MamaeDaJhu. 23 de maio de 2020, 9:34 AM. Tweet.

(11.a) “Quando eu falei que daciolo era melhor, *geral* riu da minha cara”

@koe_marcin. 23 de maio de 2020, 9:33 AM. Tweet.

O vocábulo *geral* se comporta nesse ambiente como o pronome indefinido plural *todos*, ocorrendo na posição de sujeito nos exemplos acima. Substituindo *geral* por *todos* ou por *todo mundo* nesses dados, obtém-se o mesmo sentido, o que atesta tratar-se de formas variantes.

(10.b) Acho que *todos* madrugaram nesse sábado.

(11.b) Quando eu falei que Daciolo era melhor, *todos* riram da minha cara.

¹¹ Aqui é preciso esclarecer que o Twitter não foi arquitetado para ser um *corpus*; sua funcionalidade é outra, embora ele registre dados que possam ser utilizados em pesquisas linguísticas. Para obter representatividade e balanceamento, seria necessário uma incursão nos tweets de modo a selecioná-los segundo os parâmetros preconizados pela Linguística de *Corpus* para a compilação de um *corpus*, ou seja, da forma como o Twitter se encontra não se pode dizer que ele seja um *corpus* e que seus dados brutos atendam aos critérios que estão presentes em outros *corpora* destinados à pesquisa linguística, ainda que seja possível compilar um *corpus* a partir dos dados disponíveis nele.

Conforme já observamos, embora *geral* seja uma forma singular, seu significado remete a plural e, diferentemente do que ocorre com outras formas singulares que também denotam plural, como *peçoal*, por exemplo, não encontramos nenhuma ocorrência de concordância ideológica, ou seja, em que o verbo tenha sido empregado no plural, concordando com a ideia de que o núcleo quantificador é plural. A despeito de se equivaler semanticamente ao indefinido *todos*, conforme demonstrado, *geral* comporta-se sintaticamente de modo distinto, já que, se for flexionado no plural, as sentenças se tornam agramaticais.

(10.c) *Acho que *gerais* madrugaram nesse sábado.

(11.c) *Quando eu falei que Daciolo era melhor, *gerais* riram da minha cara.

Portanto, há uma assimetria de flexão na semântica da forma gramaticalizada da palavra, isto é, um item singular está denotando o plural, sem que isso implique relações de concordância com os demais elementos do período, o que pode ser entendido como uma *especialização* da forma, nos termos de Hopper (1991). Tal especialização, aliada à semântica de totalidade, sugere que, num *continuum* de gramaticalização, a forma/construção *geral* que se gramaticaliza como pronome indefinido com função de quantificador tenha evoluído a partir da forma/construção adverbial, já destituída de flexão. A incompatibilidade entre a forma/construção gramaticalizada e as relações de flexão parece ser tão marcada que leva o falante a elidir o verbo, a fim de evitá-la, conforme ilustra este exemplo:

(12.a) “*Geral* aqui em casa já acordados, acho que vou voltar a dormir mais um pouquinho”

@Letcia17085726. 23 de maio de 2020, 8:37 AM. Tweet.

A flexão plural do predicativo (*acordados*) evidencia que *geral* é, no contexto, um pronome indefinido cuja referenciação é plural. A despeito disso, o verbo relacional não é flexionado no plural, mas omitido:

(12.b) *Geral* aqui em casa já (*estão*) acordados, acho que vou voltar a dormir mais um pouquinho.

Curiosamente, a substituição de *geral* por outro quantificador também singular (cf. (13)) produziria uma sentença agramatical, o que nos leva a concluir que, de fato, é a assimetria entre a semântica plural e a forma singular que bloqueia a concordância:

(13) **Toda* a família (estão) felizes.

Ressalvada essa idiossincrasia sintática da concordância, *geral*, como forma/construção gramatical, pode ocorrer nos mesmos ambientes sintáticos em que o pronome indefinido plural *todos* ocorre, como, por exemplo, sujeito, objeto, complemento de preposição, bem como seguido de cópula em construção pseudo-clivada etc, conforme ilustram, respectivamente, os exemplos abaixo.

(14) “Agora *geral* vai querer se chegar já pensando nas eleições de 2022”

@RedePatriotas. 23 de maio de 2020, 8:10 AM. Tweet.

(15) “como assim meu twitter deixou de seguir *geral*??? caralho.”

@jsfxr. 23 de maio de 2020, 9:34 AM. Tweet.

(16) “Me chamem no whats, perdi o número de *geral*”

@leh_silvaa12. 7 de julho de 2019, 8:32 AM. Tweet.

(17) “O q vejo, e compreendo, é *geral* já no discurso impotente de q de nada servirá esse vídeo. Política é um jogo, infelizmente tirar esse fdp do poder n será fácil, mas temos q entender q se perdermos a capacidade de lutar, se indignar e se articular contra isso, de fato perdemos!”

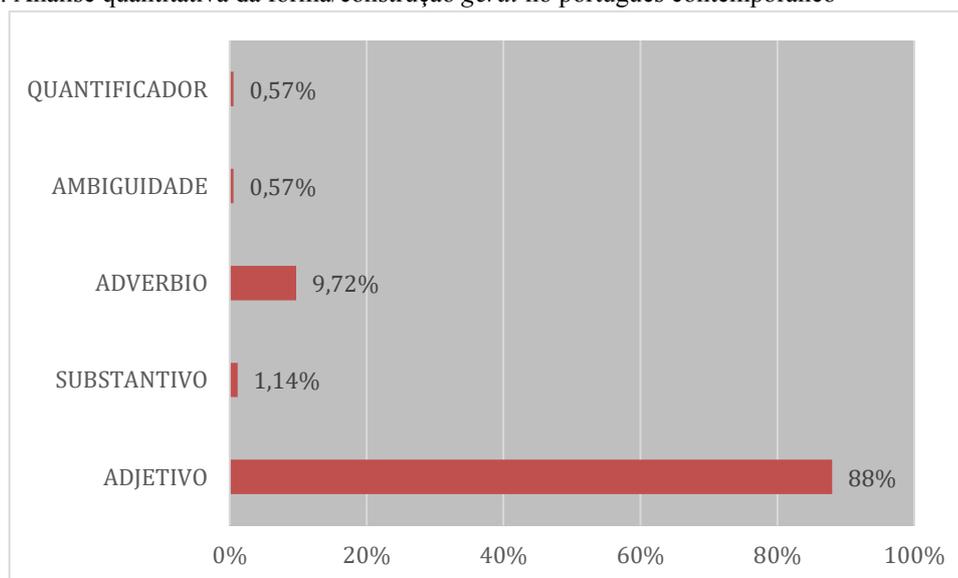
@M_I_N_U_S. 23 de maio de 2020, 8:07 AM. Tweet.

Embora, pelos motivos expostos, os dados do Twitter não nos permitam uma análise quantitativa¹², esta seria importante para julgar a adequação da hipótese de que o processo de gramaticalização da forma *geral* de adjetivo a pronome indefinido quantificador é ainda embrionário. Perseguindo esse objetivo, tomamos como base de dados para quantificação do fenômeno a interface mais nova do *Corpus do Português*

¹² Como coletamos dados brutos do Twitter, isto é, não compilamos um *corpus* a partir de tais dados, isso não nos habita a desenvolver uma análise quantitativa estatisticamente válida desses dados.

(<https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp?c=4>), criada em agosto de 2018 e constituída por textos jornalísticos midiáticos separados por semestre e por ano a partir de 2012. Usando a ferramenta de busca da plataforma, selecionamos as 25 (vinte e cinco) primeiras ocorrências da forma *geral* em cada um dos 15 (quinze) semestres (2012/1 a 2019/1) do século XXI, chegando a um total de 375 (trezentos e setenta e cinco) dados. Constituída essa amostragem, tabulamos as formas segundo três categorias: (i) *lexical*, representada pelos usos de *geral* como adjetivo (forma prototípica), como substantivo e como advérbio; (ii) *gramatical*, representada pelo uso de *geral* como pronome indefinido quantificador; e (iii) *contexto de ambiguidade*, dentro do qual agrupamos dados como aquele ilustrado em (05), em que tanto uma leitura lexical quanto uma leitura gramatical são igualmente legítimas¹³. Os resultados obtidos podem ser visualizados no gráfico 01:

Gráfico 01: Análise quantitativa da forma/construção *geral* no português contemporâneo



Fonte: dados coletados.

Os dados dispostos no gráfico acima corroboram a adequação de nossa hipótese, já que os empregos gramaticais são ainda muito baixos (0,57%), equiparando-se aos contextos de ambiguidade. Desse modo, identificamos um total de 98,86% de ocorrências lexicais, percentual liderado pelo uso prototípico da forma como adjetivo (88%). A esse percentual, seguem-se os usos adverbiais da forma (9,72%), diferindo-se daquele prototípico não na semântica, mas na morfologia flexional. Finalizando os usos considerados lexicais, aparecem

¹³ A leitura gramatical aqui referida é a de pronome, ao passo que a leitura lexical é a de advérbio, que é uma categoria lexical ainda que possa ter um estatuto mais gramatical do que o adjetivo e o substantivo num *cline* de gramaticalização, por exemplo.

as ocorrências de *geral* como substantivo (1,14%) cuja semântica e funções sintáticas aproximam-nas de *todos*, conforme ilustrado de (14) a (17).

Uma questão descritiva que se impõe a todo estudioso de processos de mudança e que nem sempre é de fácil solução, sobretudo em processos emergentes, como é o caso daquele que analisamos, é qual seria o contexto de reanálise que engatilhou o processo de gramaticalização. Conforme já antecipamos, o fato de *geral* restringir a concordância tanto dos determinantes quanto do verbo de que é sujeito leva-nos a crer que o emprego adverbial, que também fica latente nos contextos de ambiguidade, seja o elo entre a forma lexical e a gramatical, sobretudo porque o advérbio já é uma forma invariável. Entretanto, não podemos desconsiderar que, também como já discutido, fatores cognitivos de natureza metonímica atuam no processo e, nesse caso, os empregos da forma como substantivo, significando *todos* ou *a maior parte* dos elementos de um dado conjunto é relevante para a função de quantificador, além do que o pronome é uma forma nominal, passível de substituir o nome em vários contextos. Assim, até onde pudemos alcançar, parece que o emprego de *geral* na posição de núcleo do sintagma nominal foi relevante para a reanálise semântica que lhe confere as propriedades necessárias para a quantificação, conforme passamos a explorar, a partir deste dado extraído do Twitter:

(18.a) “Q isso *geral* da firma perdeu a hr do trabalho hj e so eu q acordei cedo pra ir e atoa pelo visto”

@Mnrpatrao. 23 de maio de 2020, 8:03 AM. Tweet.

O núcleo de um sintagma nominal parece ser um contexto potencial para a reanálise semântica. No exemplo acima, ambiente em que *geral* ocorre na posição de sujeito, a reanálise semântica seria do sentido que indica “a maior parte” para o que indica “todos”. Importante observar que, uma vez reanalisado semanticamente, *geral* deixa de funcionar como substantivo e passa a pronome indefinido, o que lhe impõe as restrições sintagmáticas próprias da categoria, como, por exemplo, a incompatibilidade com o determinante, identificada quando a forma é um substantivo:

(18.b) *Todos* da firma perderam a hora do trabalho hoje [...].

(18.c) *O *geral* da firma perdeu a hora do trabalho hoje [...].

A partir dessas generalizações, parece ser possível representar o *continuum* de gramaticalização da forma *geral* de adjetivo a pronome indefinido no seguinte *cline*:

adjetivo > substantivo ¹⁴ > advérbio > pronome indefinido/quantificador
--

Tal como discutimos, a contiguidade semântica com a forma substantiva, aliada à posição de núcleo do sintagma nominal, teria promovido a transferência de um domínio conceptual a outro, de modo a permitir a função quantificadora do pronome indefinido, e a contiguidade morfológica com o advérbio, que é uma categoria invariável, explicaria as restrições de flexão da forma gramaticalizada.

Em relação aos parâmetros apresentados por Heine e Kuteva (2005) para a compreensão do fenômeno da gramaticalização, aqueles que estariam atuando no caso em estudo seriam basicamente três: (i) a *extensão*, isto é, o surgimento de um novo sentido, nomeadamente gramatical, para uma forma/construção linguística a partir do momento em que o uso de tal item/construção é estendido para novos ambientes, o que constitui uma reinterpretação induzida pelo contexto e corresponde ao que Hopper (1991) postulou como princípio da *estratificação*; (ii) a *dessementização*, isto é, a perda ou a generalização do significado; e (iii) a *descategorização*, ou seja, a perda de certas propriedades morfossintáticas, o que corresponde ao princípio homônimo proposto por Hopper (1991).

A extensão ou estratificação diz respeito à emergência de “novas” formas e à sua coexistência com as formas “antigas”. Assim, conforme retratado no gráfico 01, a forma *geral* ocorre na língua contemporânea como adjetivo, como substantivo, como advérbio e como quantificador. De acordo com Heine e Kuteva (2005), a *extensão* caminha lado a lado com a *dessementização*. Portanto, ao se gramaticalizar como pronome, há uma alteração do sentido lexical do vocábulo ou um desbotamento semântico (*semantic bleaching*). Hopper (1991) trata dessa questão, quando discute o princípio da *persistência*, que prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma/construção gramaticalizada. No caso de *geral*, conforme propusemos, é possível perceber que a noção de coletividade presente no substantivo (forma/construção lexical) está latente na forma/construção gramaticalizada em pronome indefinido, permitindo-lhe denotar quantificação universal. Por fim, não restam dúvidas de que *geral*, ao se gramaticalizar como pronome indefinido, perdeu propriedades morfossintáticas

¹⁴ A precedência do adjetivo em relação ao substantivo nesse *cline* de gramaticalização não é de natureza morfossintática, mas semântica, já que parece ter sido o sentido que a forma/construção assume como núcleo do sintagma nominal que lhe permitiu a reanálise como quantificador universal.

próprias de formas lexicais, como a marca morfológica de número e a possibilidade de determinação por artigo.

Antes de passarmos às nossas considerações finais, resumamos, no quadro abaixo, os principais argumentos que atestam, segundo nossa análise, a adequação de nossa hipótese segundo a qual a forma/construção *geral* está emergindo como um pronome indefinido na língua portuguesa contemporânea por força de um processo de gramaticalização.

Quadro 1 – Parâmetros que atestam a gramaticalização do item *geral* no PB

Parâmetro	Uso lexical	Uso gramatical
Extensão/Estratificação	<i>Geral</i> é (i) um adjetivo que só pode ocorrer acompanhado de um nome, ou (ii) um substantivo quando determinado por artigo, ou, ainda, (iii) um advérbio. Exs.: (i) Tivemos muitas dificuldades para montar a equipe, mas isso é um <i>problema geral</i> ; (ii) Nota-se um bom senso no <i>geral dos homens</i> , mas este é como a luz do relâmpago; (iii) Acho que a crise pegou <i>geral</i> . (<i>Corpus do Português</i>).	<i>Geral</i> passa a ocorrer no lugar de um nome em ambientes onde anteriormente não poderia ocorrer. Ex.: Agora <i>geral</i> vai querer se chegar já pensando nas eleições de 2022 (<i>Twitter</i>).
Dessemantização/Persistência	<i>Geral</i> apresenta significado lexical, como consta em dicionário: <i>geral</i> <i>adj2g</i> 1. Comum à maior parte; genérico. 2. V. <i>total</i> (1). 3. Universal (4). <i>sm</i> . 4. A maior parte. <i>sf</i> . 5. Local, em teatros, estádios, etc., pelo qual se cobram preços mais baixos. [Pl.: <i>-rais</i> .] (FERREIRA, 2008, p. 432).	<i>Geral</i> passar por um processo de ressignificação preservando algumas nuances do sentido lexical que lhe permite denotar quantificação universal, à semelhança do indefinido <i>todos</i> . Ex.: Quando eu falei que Daciolo era melhor, <i>geral</i> riu da minha cara (<i>Twitter</i>).
Descategorização	<i>Geral</i> (i) sofre flexão de número (<i>gerais</i>) e (ii) pode ser determinado por artigo na posição de núcleo de um sintagma nominal. Exs.: (i) O duodécimo é utilizado para pagar as despesas <i>gerais</i> da Câmara; (ii) O espanhol Raúl Alarcón (W52-FC Porto) lidera a <i>geral</i> individual do 40º Grande Prémio Abimota. (<i>Corpus do Português</i>).	<i>Geral</i> gramaticalizado como pronome perde tanto a flexão de número quanto o determinante. Ex.: a. Acho que <i>geral</i> madrugou nesse sábado (<i>Twitter</i>). b. *Acho que <i>gerais</i> madrugaram nesse sábado.

Fonte: Elaboração do autor

Considerações finais

Depois de mostrar o uso canônico de *geral* como adjetivo, este trabalho buscou descrever e analisar o processo de gramaticalização pelo qual essa forma/construção está passando no português brasileiro por meio da análise de dados extraídos do *Corpus do Português* e do Twitter. Este estudo mostrou que esse processo se encontra em estágio embrionário, haja vista os números apresentados pela amostra extraída para análise quantitativa, que revelaram que a frequência do uso gramaticalizado ainda é baixa comparada à frequência de uso dos contextos em que há ambiguidade categorial. Foi proposto que o processo de gramaticalização do adjetivo *geral* envolve sua migração para a categoria de advérbio, nos casos em que ele determina o verbo em dados como *chove geral*. Nota-se, portanto, a migração de uma categoria lexical de adjetivo para outra categoria lexical de advérbio, sendo a última, em virtude de sua ausência de flexão, com estatuto mais gramatical do que a primeira. Ademais, também foi proposto que há uma migração de *geral* para a categoria gramatical de pronome indefinido com valor de quantificador universal a partir de seu emprego adverbial. Dados como *geral madrugou nesse sábado* ilustram essa migração. O uso gramaticalizado desse vocábulo foi igualmente atestado por meio de uma análise qualitativa dos parâmetros de gramaticalização propostos por Hopper (1991) e por Heine e Kuteva (2005). Foi constatada a atuação dos parâmetros de (i) extensão/estratificação, (ii) dessemantização/persistência e (iii) descategorização. Assim, no curso da língua, *geral* expande seu contexto de uso passando a ocorrer em posição de sujeito e de objeto além de coexistir com outros usos, satisfazendo o parâmetro (i); adquire um estatuto gramatical de pronome com valor de quantificador, satisfazendo o parâmetro (ii); adicionalmente, perde a propriedade de se flexionar em número e a possibilidade de determinação por artigo nos novos ambientes em que ocorre, o que satisfaz o parâmetro (iii). Além disso, o uso gramaticalizado do vocábulo atestado em diferentes meios de interação linguística, como na mídia impressa, na MPB e em rede social, mostra que esse uso está se difundindo pelo país, embora não seja possível afiançar com segurança o período exato de início do processo e sua origem regional. Contudo, a busca pela forma/construção nesses diferentes meios mostrou-se crucial para uma análise mais completa e acurada do fenômeno.

Referências

BATORÉO, H. Gramaticalização na língua portuguesa: uma abordagem contrastiva dos estudos desenvolvidos em português europeu (PE) e em português do Brasil (PB). **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, Lisboa, v. 5, p. 95-107, 2010.

CÂMARA JR., J. M. **Uma forma verbal portuguesa** – estudo estilístico e gramatical. Tese apresentada no concurso para a cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio/Rodrigues & Cia., 1957.

CONDILLAC, É. B. **Essay on the Origin of Human Knowledge**. Edited by Hans Aarsleff. New York: Cambridge University Press, 2001[1746].

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. 2006. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 25 maio 2020.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 7 ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

HEINE, B. **Auxiliaries, cognitive forces, and grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **Language Contact and Grammatical Change**. New York: Cambridge University Press, 2005.

HOPPER, P. The emergence of perfective aspect in Indo-Aryan Languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 59-90.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KURYŁOWICZ, J. **Esquisses linguistiques II**. München: W. Fink, 1975/1965. p. 38-54.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**: a programmatic sketch. v. 1 Arbeiten des Kölner Universalien-Projekts, 1982.

LIMA, J. Sobre a gênese e a evolução do futuro com ir em português. In: SILVA, A. (Org.). **Linguagem e Cognição**: a perspectiva da Linguística Cognitiva. Braga: Associação Portuguesa de Linguística/Universidade Católica, 2001. p. 119-145.

LOPES, C. R. dos S. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main, Madrid: Vervuert, Iberoamericana, 2003.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. **Scientia (Rivista de Scienza)**, v. 12, n. 26), p. 6, 1912.

NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

RASO, T.; MELLO, H. **C-ORAL-BRASIL I**: corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SILVA, L. F. L. Desenvolvimento do conector ‘na hora que’ na Língua Portuguesa: uma análise qualitativa sob uma perspectiva construcional. **Signo y Seña**, v. 32, p. 123-136, 2017.

SPITZER, L. Über das Futurum cantare habeo. In: SPITZER, L. **Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik**. Tübingen: Max Niemeyer, 1918. p. 173-180.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VITRAL, L; COELHO, S. (Orgs.). **Estudos de processos de gramaticalização em português**: metodologias e aplicações. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

Sobre os autores

Luis Filipe Lima e Silva (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-0188-2861>)

Doutor e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); graduado em Letras (habilitação em Linguística) pela mesma instituição.

Sueli Maria Coelho (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-4021-0339>)

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG); licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas. É professora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.

Recebido em junho de 2020.

Aprovado em outubro de 2020.